

O CANTAR DE CLARA NUNES E O TEXTO DO MUNDO DE MIA COUTO: O ATO PEDAGÓGICO NA INTERPRETAÇÃO DA ARTE AFRO-BRASILEIRA

Raissa Salgado (Adm. Pública – FCA/Unicamp)
Professora Carolina C. Rodrigues (Orientadora)

RESUMO

O presente artigo procurou tecer relações entre arte afro-brasileira e educação, repensando o ato pedagógico presente na interpretação de mundo do artista em meio à concepção de suas obras. Os textos do autor moçambicano Mia Couto e as canções interpretadas pela cantora brasileira Clara Nunes são obras de arte expoentes da cultura africana e afro-brasileira e trazem o conhecimento sensível a bordo, enriquecendo a percepção do ato pedagógico que configura formas de manifestação da existência humana, sobretudo a arte no âmbito da música e da literatura.

Palavras-chave: Arte; Ato pedagógico; *Conhecimento sensível*.

ABSTRACT

This article seeks making relations between African-Brazilian art and education, rethinking this pedagogical act in the interpretation of the artist's world through the design of his works. The texts of the Mozambican author Mia Couto and songs performed by Brazilian singer Clara Nunes are works of art exponents of African culture and African-Brazilian and bring felt knowledge aboard, enriching the perception of the pedagogical act that sets manifestations of human existence, especially the art in the context of music and literature.

Keywords : Art ; Pedagogical act ; Felt Knowledge.

INTRODUÇÃO

A atividade humana é essencialmente criadora pois a ação intencional do homem de transformar a realidade funciona como resposta às suas inquietações existenciais (TROJAN, 1996). Desde os primórdios da civilização humana o homem buscou formas de trabalhar a realidade de seu meio físico e metafísico. Observando e atribuindo usos aos elementos naturais disponíveis, desenvolveu a escultura, a pintura a partir de pigmentos extraídos de plantas e solos e a arquitetura, que são as primeiras formas de arte registradas pelo homem. Além disso, os povos primeiros tinham as cantigas como uma forma de conexão com o divino, como caminhos para alcançar a perfeição, deste modo fortaleciam a espiritualidade e a cultura, que era passada de geração para geração apenas através do canto, até a invenção da escrita, que possibilitou o registro e salvaguarda dessas obras.



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

Por falar em cantigas divinas, os elementos religiosos presentes na arte antiga até a era moderna, produziam correspondências entre a mesma, o povo e o lugar que lhe originavam. A religiosidade dava forma e sentido às expressões artísticas e foi assim até a modernidade, quando outros elementos foram incorporados por artista e público, e a arte passou a ser feita para públicos maiores e mais heterogêneos, aumentando o acesso a ela e comprometendo a esfera sensível do processo de concepção do artista, ao mesmo tempo.

Na idade moderna, a arte vai abandonando os elementos religiosos e está mais acessível ao grande público e não somente à classe nobre que podia pagar por ela. Os artistas passam a alcançar também os menos abastados, fato que modifica os modos de interpretar e representar o mundo através da arte. Com isso, os escritores, pintores, cantores, atores, etc, precisavam ganhar público, uma vez que “o mercado artístico não sobrevive apenas da comercialização dirigida às elites, [...] precisa se expandir, atingir sempre um maior público consumidor” (TROJAN, 1996, PG. 94), a arte vai ganhando aspecto de produto, está cada vez mais acessível, porém o modo que artista e público se relacionam com a mesma se molda à produção e consumo de entretenimento.

Na era contemporânea, a arte é para todos. Governos municipais, estaduais e federais do mundo todo já desenvolvem políticas públicas para difusão e acesso ao cinema, teatro, música, artes plásticas, livros, etc. A arte está nas salas de aula, no rádio, nas TVs e nas ruas, está na vida dos indivíduos como nunca se viu na história da humanidade. Mas de que modo a arte faz parte da vida de um indivíduo comum do século XXI? De que forma ele é capaz de saboreá-la e envolvê-la em seu trabalho, em sua casa, em seus estudos, de forma a dar-lhe mais espaço do que uma *playlist* no intervalo para o almoço, cinema após o expediente ou um livro *best-seller* na cabeceira da cama?

Essas questões nos fazem querer explorar as potencialidades da arte e as conexões que nós seres humanos – educadores ou não – podemos produzir entre esta e a educação, pois repensando o ato pedagógico como algo intrínseco a todo ser humano, podemos reinventar maneiras de apreender e transmitir conhecimento de interdisciplinar, dialogando com os dizeres artísticos e envolvendo as esferas sensíveis e invisíveis em que ele pode acontecer. Realizando essa conexão entre ciência e pedagogia aplicadas à nova concepção de mundo que nos envolve é a munição de que precisamos para atravessar o mar de incertezas e conflitos da sociedade pós-moderna (CORREIA, 2010).

Neste artigo, a relação entre educação e arte acontecerá principalmente através da reformulação do conceito de ato pedagógico, amparado no conceito de pedagogia enquanto literatura que se preocupa com as formas didáticas utilizadas na transmissão de cultura e conhecimento de geração para geração (GHIRALDELLI JR, 1996). Propõe-se a noção de um ato pedagógico enquanto condição humana que nos acompanha desde o berço até o final da vida, e que é encontrada de forma plena em qualquer processo de concepção artística, como veremos nas páginas que se seguem



1. ATO PEDAGÓGICO: CONHECIMENTO SENSÍVEL ATRAVÉS DA ARTE

Chamarei de ato pedagógico – tomando a noção de pedagogia apresentada por Ghiraldelli Jr., no livro “O que é pedagogia”- a atitude humana de interpretar o mundo – tangível ou intangível. Entenda-se a interpretação de mundo como a atitude existencial de apreciar uma realidade qualquer que provoca sensações instigantes – estranheza, raiva, nostalgia, felicidade, paz, tranquilidade, etc., sensações que permeiam a vida humana, de modo que o homem não escapa às mesmas, mas precisa de caminhos para torná-la mais amena ou mais latente quando passa a causar incômodo pela presença exagerada ou pela ausência.

Interpretar o mundo é buscar formas para responder às angústias que nos assombram desde o nascimento ao longo da vida. Portanto, interpretar um mundo tangível ou intangível é assumir as tais sensações instigantes e encará-las, num movimento de criar condições para lidar com as mesmas. Um dos produtos dessa interpretação de mundo e ao mesmo tempo uma forma de resposta à sensações instigantes é arte, muito embora o uso de drogas sintéticas, bebidas alcoólicas, entorpecentes naturais e dentre outras substâncias que alteram o estado de consciência, horas dedicadas ao trabalho, estudo, uso de redes sociais, jogos e até mesmo a televisão, também são formas de resiliência.

Todo ser humano procura maneiras de interpretar sua realidade física ou imaginária, mas para o artista essa interpretação ocorre de forma um pouco diferenciada, pois “o artista descobre a realidade, escondida para as pessoas comuns, e a desprende das limitações postas pelo hábito e pela percepção utilitária cotidiana” (SLEGERS, 2016, p. 07), e neste caso, temos o processo interpretativo de mundo de forma mais complexa, onde o ato pedagógico se manifesta. O esforço de interpretar um mundo envolve dimensões experienciais, culturais, espaciais e temporais, requer um pensar, sentir e agir que automaticamente se refere a transmissão de conhecimento, valores pessoais e culturais que são essencialmente a educação em sua esfera primordial.

Neste sentido, o ato pedagógico não é privilégio do artista, ser humano é ser pedagógico e ainda de acordo com Tim Ingold “O ponto essencial, então, é que todo ser humano deve vir ao mundo pré-equipado com mecanismos cognitivos que são especificados independentemente, e antes, de qualquer processo de aprendizado ou desenvolvimento.” (INGOLD, 2010, p. 08). Mas é através da concepção e percepção de toda e qualquer forma de arte que o ser humano é capaz de potencializar ainda mais sua condição de ser pedagógico, pois para Bergson “O objetivo da arte é adormecer os poderes ativos, ou melhor, resistentes, da nossa personalidade e, assim, nos levar a um estado de perfeita capacidade de resposta” (BERGSON, 1971, p. 14), criando portanto, possibilidades para o *conhecimento sensível*.

O *conhecimento sensível*, de acordo com Rosa, só pode ser alcançado por aquele que está aberto à memória involuntária. Essa abertura é aquela do artista para quem o véu é transparente-diferentemente dos indivíduos comuns- e portanto é capaz de perfurar os hábitos utilitários do intelecto e das percepções, tão fortalecidas no imaginário comum. Ainda de acordo com Rosa:



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

A arte não se deixa balizar, podar e minar pelos pressupostos teórico-metodológicos, tão pouco deixa de fora o que não cabe na quantidade de linhas, no tempo ou no espaço delimitado. Assim é a vida, assim é o pensamento humano, que carece de repertório novo como uma espécie de oxigênio para continuar florescendo. [...] As memórias involuntárias nos chegam a todos, mas para adquirir conhecimento a partir delas é preciso permitir-se ser atingido com toda a força, em vez de tentar bloqueá-las. (Slegers, 2016, p.07)

Neste sentido, estamos falando de um conhecimento que aparece da concepção das obras de arte, quando o artista evoca o ato pedagógico existente em sua interpretação de mundo, escavando as memórias involuntárias que surgem durante o processo interpretativo e deixando fluir todas as emoções que lhe acometerem, pois como se sabe ignorar o poder das emoções humanas em qualquer processo criativo, é um sinal claro de miopia, pois como sabemos por experiência própria, quando se trata de moldar nossas decisões e ações, a emoção pesa tanto quanto ou até mais do que a razão (GOLEMAN, 1995).

Nas páginas a seguir as obras de Clara Nunes e Mia Couto foram cuidadosamente escolhidas para ilustrar o modo como o ser pedagógico se manifesta através de canção e de texto. Música e literatura foram convidadas a compor o presente texto, por serem as expressões artísticas mais divulgadas e consumidas no mundo contemporâneo, entretanto o consumo em larga escala e o fácil acesso a esses materiais, não fazem brotar novas formas de uso e sentidos, além do mero entretenimento que nos habituamos a pensar.

2. QUEM CANTA UM CANTO INTERPRETA UM PONTO?

Cantar é mais uma das formas de expressão artística, mais um encontro entre corpo-mundo, sentidos, sentimentos e memórias e conectando mundos individuais e coletivos. “A música é uma forma de discurso tão antiga quanto a raça humana, um meio no qual as ideias a cerca de nós mesmos e dos outros são articuladas em forma sonoras. (SWANWICK, 2003, p. 29 apud VALKÍRIA, 2007, p. 40).” Antes de interpretar uma canção, um artista se depara com uma obra aberta, uma composição com disposta a receber outra vida, essa vida será dada a partir do repertório pedagógico que o artista acumula ao longo tempo. Para Correia a música está na vida do homem antes mesmo deste vir ao mundo:

Arte que já nasce com o homem. No útero materno, convivemos um bom período ouvindo as batidas do coração, assim como a respiração dos nossos pulmões e os movimentos mais delicados do nosso metabolismo, juntamente com os ciclos cerebrais. Portanto, o ser humano é sensível à música e todos podem desenvolver esses dotes em si mesmos e nos seus semelhantes. (CORREIA, 2010, p.135).

No caso da cantora Clara Nunes, o ato pedagógico embricado em suas obras, composições de outros artistas, se revela a partir de seu esforço em fazer com que sua



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

forma de se apresentar se confunda com o enredo exposto através de sua voz. Os versos abaixo representam uma obra que assim como tantas outras tiveram seus sentidos cristalizados no imaginário do ouvinte:

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil

Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativoiro
E de lá cantou

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou

Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou

E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor

ô, ô, ô, ô, ô, ô
ô, ô, ô, ô, ô, ô
ô, ô, ô, ô, ô, ô
ô, ô, ô, ô, ô, ô

E ecoa noite e dia
É ensurdecedor
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador

Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor

Compositor: Mauro Duarte & Paulo César Pinheiro

Para dar vida à música cuja letra é descrita acima, Clara Nunes interpreta seu mundo, escavando as sensações instigantes que aparecem. Ao escavar essas sensações, ela é tomada por memórias involuntárias, que podem ou não estar relacionadas com as



sensações iniciais que a moveram a cantar. Uma vez que consegue perseguir essas memórias, caminha para a construção de sua *vulnerabilidade corajosa*, uma vez que “o artista não se limita às memórias voluntárias, tem também a disposição necessária para se beneficiar da memória involuntária. Para tal abertura, é preciso ser corajosamente vulnerável, isto é, estar atento à memória involuntária e ter a coragem de buscá-la” (Slegers, 2016, p. 07). É desde modo que a artista concede o tom excepcional para suas apresentações, que após esse processo, serão frutos de suas vivências, crenças, habilidades e técnicas artísticas.

A *vulnerabilidade corajosa* em um artista que é apenas o intérprete da música funciona como uma ferramenta para compor seu repertório de apresentação, uma vez que a obra inicial não fora concebida por Clara Nunes, sendo portanto, fruto do ato pedagógico de outra interpretação, de um outro mundo. Ela precisa fortalecer essa vulnerabilidade corajosa, afim de capturar as memórias vindas à tona e uni-las ao seu próprio modo de se apresentar, que criará portanto, outra obra de arte, completamente diferente da concebida inicialmente, ainda que a letra e a melodia sejam resiliência, o ato pedagógico é completamente diferente.

Através do ato pedagógico, Clara não canta apenas o “Canto das Três” Raças, mas reúne os mundos de quem compôs a canção, de quem fez a melodia em seu próprio mundo e expressa tudo em forma de canção.

Muito embora a canção traga elementos que remetam ao sofrimento dos índios, dos negros e do próprio povo brasileiro, em decorrência da escravidão, e colonização desses povos, a cantada por Clara Nunes é antes de tudo uma conexão de mundos, de atos pedagógicos e de seres pedagógicos, que fundem enquanto obra que será percebida e sentida por outros seres pedagógicos, artistas ou não artistas.

3. TEXTO DO MUNDO: TEXTO DE QUAL MUNDO?

A literatura é a arte de pintar paisagens através da escrita. É mais um produto do ato pedagógico de interpretar mundos. Desta vez, na obra do autor moçambicano Mia Couto temos uma forma de arte telúrica, na qual podemos ver o seu próprio mundo impresso nas folhas brancas do papel. Sua relação com o lugar e com as pessoas revelam mais sobre a paisagem da guerra civil moçambicana. Mia Couto também precisa recorrer à *vulnerabilidade corajosa*, precisas acessar as memórias de dor, nostalgia e remota felicidade para compor seu texto. Abaixo temos um recorte do texto “Terra Sonâmbula”:

A guerra crescia e tirava dali a maior parte dos habitantes. Mesmo na vila, sede do distrito, as casas de cimento estavam agora vazias. As paredes, cheias de buracos de balas, pareciam a pele de um leproso. Os bandos disparavam contra as casas como se elas lhes trouxessem raiva. Quem sabe alvejassem não as casas mas o tempo, esse tempo que trouxera o cimento e as residências que duravam mais que a vida dos homens. Nas ruas cresciam arbustos, pelas janelas espreitavam capins. Parecia o mato vinha agora buscar terrenos de que tinha sido exclusivo dono. Sempre me tinham dito que a vila estava de pé por licença de poderes antigos, poderes vindos do longe. Quem constrói a casa não é



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

quem a ergueu mas quem nela mora. E agora, sem residentes, as casas de cimento apodreciam como a carcaça que se tira a um animal. (COUTO, 2007, p. 21).

Mia Couto aprecia a realidade que lhe provoca sensações instigantes, seu corpo-mundo é dado por sua forma de escrita, que surge a partir de então. Escavando suas *memórias involuntários*, Mia também se volta para a *vulnerabilidade corajosa*, mas diferentemente de Clara Nunes, sua própria interpretação de mundo será sua obra final, seu texto. O ato pedagógico do autor se transforma em texto de seus mundos, direcionados a vários outros mundos de demais seres pedagógicos. A escrita confere uma obra fruto de um ato pedagógico de interpretar e se torna um novo mundo - assim como a canção - que novamente será passível de interpretação, mas dessa vez por pessoas comuns, dispostas a adentrar novos mundos e descobrir novos atos pedagógicos.

CONCLUSÃO

Talvez não devêssemos pensar em uma pedagogia com arte, mas em uma pedagogia para a arte, pois somos educados para as ciências exatas, da terra e as humanas, também aprendemos bons modos, regras para o convívio social e dentre outras coisas, mas em nenhum momento nos ajudam a pensar sobre o ato pedagógico que é ser humano, o ato pedagógico que é ser artista, para então termos condições de lidar com os frutos das interpretações de seus mundos. O ser humano é em si, um ser pedagógico antes mesmo de ser artista, pois é interpretando seus mundos palpáveis ou não que exerce tal condição pedagógica e a partir de então concebe sua obra.

Literatura e música se valem da escrita como matéria-prima inicial e em ambas o artista manipula as palavras para que sejam de fato o fruto de sua interpretação primeira do mundo, perseguindo as sensações instigantes surgem para ele. O ato pedagógico na interpretação da arte afro-brasileira de Mia Couto e Clara Nunes, nos convida para pensar nossa própria condição humana de seres pedagógicos, a partir das angústias existenciais que geram sensações instigantes, necessitam ir em direção à *vulnerabilidade corajosa*, escavando as memórias involuntárias para produzir respostas à tais sensações, uma delas pode e dever ser a arte, em todas as suas formas possíveis de apresentação.

Repensar o conceito de ato pedagógico nos convida a assumir essa nossa condição e levá-la às últimas consequências no que se refere às conexões com áreas do pensamento e também com a própria vida cotidiana, que sem saber é pautada em uma série de atos pedagógicos, tão ou mais ricos e complexos dos que se encontra em uma sala de aula.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 2ª edição, 1983.



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

COUTO, MIA. **Terra Sonâmbula**. Companhia das letras. 2007.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **O que é pedagogia**. São Paulo: Brasiliense, 2006. - (Coleção primeiros passos ; 193). 3ª ed. de 1996.

GOLEMAN, Daniel. **Entrevista sobre inteligência emocional**. Cedida pela Editora Objetiva. Disponível em: <<http://www.abrae.com.br>>. Acesso em: 26/05/2016.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/6777>> Acesso em 26/05/2016

LOBATO, Walkiria Teresa Firmino. **A formação e a prática pedagógico-musical de professores egressos da pedagogia**. 157 p. Dissertação (Mestrado em Educação – Área de concentração: Aprendizagem e Trabalho Pedagógico) - Universidade de Brasília. Brasília, 2007. Disponível em: <http://bdtd.bce.unb.br/tesedsimplicado/tde_busca/arquivo.php?>>. Acesso em: 26/05/2016.

DUARTE, Mauro; PINHEIRO, Paulo C. Canto das três raças. EMI-Odeon: Rio de Janeiro. 1976. LP.

SLEGGERS, Rosa. Conhecimento sensível (felt knowledge) e vulnerabilidade corajosa (courageous vulnerability): um estudo sobre a memória involuntária no livro em busca do tempo perdido através das filosofias de William James e Henry Bergson. *Climacom cultura científica - Pesquisa, Jornalismo e Arte*. v. 02. Maio de 2016. Disponível em <<http://climacom.mudancasclimaticas.net/?p=5113>> acesso em 26 de maio de 2016.

Trojan, Rose Meri. A arte e a humanização do homem: afinal de Contas, para quê servem uma arte?. **Educ. rev.** Curitiba, n. 12, p. 87-96, Dez. de 1996. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>>. Acesso em 25 de maio de 2016.